

Introdução

O tema da dissertação ora proposta decorre do trabalho desenvolvido para a apresentação da monografia de conclusão do Curso de Graduação em Psicologia, ocasião em que foram analisados aspectos do pensamento de Freud e de Nietzsche quanto à questão da “doença da civilização”. Esta pesquisa tem por objetivo repensar alguns aspectos da teoria psicanalítica, a partir de observações feitas por Gilles Deleuze, filósofo de declarada inspiração nietzschiana, sobre o campo da psicanálise.

Para relacionar o pensamento de Deleuze à teoria psicanalítica mais tradicional e buscar compreender como se dá essa relação, será necessário trabalhar conceitos fundamentais em ambos.

A presença da psicanálise na obra de Deleuze é paradoxal, crítica, porém afirmativa. Seu interesse pelo tema encontra registro em diversos dos seus trabalhos, onde se constata que muitos dos conceitos emitidos foram construídos a partir de uma leitura da psicanálise marcada pelo duplo movimento de aceitação de problemas e reorientação de funções. Assim, pode-se entender que o autor de *O Anti-Édipo* (1972), obra determinante para a crítica da ideologia psicanalítica, estabelece uma relação de cooperação com a psicanálise. Logo, é necessário saber contra quem na psicanálise a filosofia de Deleuze quer se opor, quais são as principais críticas que formulou e sua repercussão no campo psicanalítico.

De imediato, podem-se destacar três importantes pontos contra os quais Deleuze investe: crítica da lógica representacional da psicanálise (as questões do significante, do inconsciente lingüístico domesticado e dos papéis marcados); crítica da sustentação do desejo na concepção de falta e crítica do negativo como fundamento da psicanálise (o gozo impossível, por exemplo). Dessa forma, Deleuze opera um ataque à representação e ao negativo característicos da dialética de Hegel, recusando a pretensão hegeliana de redução das diferenças a identidades, para além de criticar os paralogismos, ou seja, falsas conclusões que transformam verdades relativas em verdades absolutas.

Nos círculos onde o tema é a psicanálise, existe uma crítica comum a Deleuze, qual seja a de que ele fala de uma leitura específica da psicanálise, estrutural, lacaniana.

Efetivamente, autores como Winnicott não submetem a subjetividade a fundamentos transcendentais ou aos fundamentos da razão. Afastam-se do racionalismo francês, são empiristas, pensam na imanência da experiência sempre vivida e não na estrutura, atribuindo uma importância maior ao manejo do *setting* do que à interpretação.

Deleuze é um autor cujo pensamento se funda na tradição imanente e, como tal, denuncia uma espécie de essencialização da psicanálise mais tradicional, seu viés metafísico onde os conceitos não são mais relacionados a circunstâncias e sim a essências, substituindo forças produtivas do inconsciente, por valores representativos. O inconsciente, por exemplo, que viria como uma proposta de abertura ao desconhecido, sofre uma crescente vinculação com a noção do complexo de Édipo.

Na concepção de Deleuze, alguns conceitos levariam o pensamento freudiano de volta à transcendência, à distinção entre dois mundos: o essencial e o aparente, o verdadeiro e o falso, o inteligível e o sensível, enfim, a um mundo dividido e dominado pela representação, onde a produção desejante estaria despotencializada. Entretanto, impõe-se reconhecer, que é o próprio Deleuze quem adverte da prudência necessária para que o plano de imanência ou de consistência não se torne um simples plano de destruição de referências, mas sim que adote referências nômades, variantes, cambiantes. Afinal, nem que seja um mínimo de formas e estratos precisam ser preservados para possibilitar novos agenciamentos, linhas de fuga e seus conseqüentes movimentos de desterritorialização e reterritorialização.

Deleuze considera que a psicanálise abalou o conjunto da medicina mental, revelou o desejo, impôs novas articulações, e reconhece aí um aspecto de produção de desejo, de maquinaria. No entanto, contesta a perspectiva, a seu ver negativa, que a psicanálise dá ao inconsciente e ao desejo,

o que a psicanálise chama de produção ou formação do inconsciente, são fracassos, conflitos, compromissos ou jogos de palavras. Desejos, sempre há demais, para a psicanálise: perversa polimorfa. Vamos ensinar-lhes a falta, a cultura e a lei (Deleuze & Parnet, 1977/1998, p. 93).

Diferentemente, Deleuze pensa o inconsciente como substância a ser fabricada, como um espaço social e político a ser conquistado, e não como um teatro com papéis marcados e cheio de valores representativos.

Para Deleuze é necessário reconhecer o desejo por outra via, que não a do recalque e do conflito. Desejar é ser atravessado por devires. O desejo não é reprimido porque é desejo da mãe, mas porque é revolucionário, é a própria potência da transformação. Segundo Deleuze, desejar não é de modo algum uma coisa fácil justamente porque dá, em vez de faltar. A psicanálise mais tradicional parece ter ficado mais centrada na falta e na privação do que no acolhimento do desejo como produção intensiva de mais vida. É preciso desvincular a concepção de desejo da categoria de falta.

Ainda de acordo com Deleuze, somos compostos por linhas variáveis, de diferentes combinações, sem que haja um fluxo único que represente de forma absoluta a subjetividade. Nesse sentido, ele acredita que a análise do inconsciente deveria ser uma geografia mais do que uma história. Daí a necessidade de buscar aquelas linhas que estão bloqueadas, esgotadas, descobrindo quais outras estão ativas, vivas. Deleuze concebe a filosofia como criação de conceitos, porém busca criar conceitos para acontecimentos e não para pessoas. Não acredita numa essência do ser e sim no devir.

Deleuze censura a psicanálise por criar impasses com determinadas classificações, inventar condições de enunciação que esmagam de antemão os novos enunciados que ela própria suscita. “Seria preciso chegar a dizer: seu pai, sua mãe, sua avó, tudo é bom, mesmo o nome do pai, qualquer entrada é boa, a partir do momento em que as saídas são múltiplas. Mas a psicanálise fez de tudo, a não ser saídas” (Id., *ibid.*, p. 119).

Para Deleuze, é preciso fazer uma análise não ressentida da subjetividade, não a partir da falta fundada em um ideal. É preciso não destruir as produções do desejo, não o prender na dimensão da representação, e parar de recorrer a referências transcendentais para pensar o inconsciente.

Monique David-Ménard nos situa em diferentes discussões sobre as relações de Deleuze com a psicanálise. Em seu livro *Deleuze et la Psychanalyse* (2005), que será discutido mais detalhadamente no decorrer deste trabalho, a autora faz uma crítica afirmando que o *setting* é um lugar de insuficiência e que

Deleuze não o reconhece como tal. A nosso ver, Deleuze não chega a negar o *setting* como lugar de insuficiência, porém pensa-o como espaço de potencialidades, de acolhimento para poder potencializar alternativas, injetar na dor potência de alegria, de afirmação do possível, enfim, ponto de partida para reinvenção, o que revela a afinidade de seu pensamento com o de Espinosa, como demonstra a citação a seguir:

(...) A crítica que Hegel fará a Espinosa, de ter ignorado o negativo e a sua potência, é a glória e a inocência de Espinosa, a sua própria descoberta. Em um mundo corroído pelo negativo, ele tem ainda bastante confiança na vida, na potência da vida, para questionar a morte, o apetite mortífero dos homens, as regras do bem e do mal, do justo e do injusto. Ele confia bastante na vida para denunciar todos os fantasmas do negativo (...) (Deleuze, 1981/2002, p. 18).

Deleuze propõe uma dimensão esquizo da sensibilidade na qual o psiquismo não se regula por instâncias limitadoras como a castração, por exemplo. É nesse sentido que pretendemos expor o quanto Deleuze tem a dizer àqueles que se engajam na prática clínica. Ele considera que sofremos porque não conseguimos nos relacionar com o que, em nós, não se deixa inscrever nas categorias lineares de espaço e tempo; somos prisioneiros de uma concepção de espaço e tempo que nos impede de nos relacionarmos com o que não se submete à lógica segura da representação. “(...) é preciso perder sua identidade, seu rosto... é preciso desaparecer, tornar-se desconhecido, o cantor sem nome (...)” (Deleuze & Parnet, 1977/1998, op. cit., p. 58).

A constante preocupação deleuziana parece ser a de criar um sistema aberto às multiplicidades, às coisas inexatas, às estratégias de resistência a modos de produção de subjetividades reativas. O filósofo francês pensa em termos de devir, do ser que desfaz a organização que foi imposta aos corpos, e descobre outras populações, outras zonas que o habitam.

Deleuze elabora redes de conceitos, que funcionam como redes de resistências contra o pensamento dominante e o senso comum. No decorrer do trabalho, serão estudados diversos conceitos apresentados pelo autor, sem perder de vista as possíveis contribuições que eles podem trazer à psicanálise.

No primeiro segmento que compõe a dissertação, faremos uma análise da contraposição de Deleuze ao pensamento representacional e, dentro desse contexto, será demonstrada a forma como o autor reverte à problemática

ontológica ao não se preocupar quanto a como um ser pode ganhar determinabilidade, mas sim como ele pode sustentar sua diferença.

No segundo capítulo serão abordadas as primeiras leituras deleuzianas da psicanálise. Em *Apresentação de Sacher-Masoch* (1967/1983) Deleuze irá questionar a forma sempre dualista com que Freud trabalha incluindo aí a entidade sadomasoquista que este autor tende a assegurar; em *Diferença e repetição* (1968/1988) a propósito dos conceitos freudianos de pulsão de vida/ pulsão de morte, o filósofo francês contesta a forma como a psicanálise concebe a repetição, como repetição do mesmo, e propõe uma nova versão para a pulsão de morte, que ganha um princípio positivo de repetição da diferença, de uma negação que abre espaço para o novo e transforma o negativo também em um movimento da vida; Já na *Lógica do sentido* (1969/1974) Deleuze afirma que uma teoria não é separável dos paradoxos, quer dizer, de ter mais de um sentido ao mesmo tempo e que, contudo, a psicanálise tem uma tendência a afirmar que não há nada cujo sentido não seja também sexual e, dessa forma, não abre espaço para o paradoxo e confere apenas um sentido à sua teoria.

No terceiro segmento da dissertação, que discute fundamentalmente *O Anti-Édipo* (1972/1996, op. cit.), Deleuze, agora já em parceria com Félix Guattari, cria importantes conceitos que permitem fundamentar o que seria uma psicanálise que escapa a crítica de seus fundamentos mais tradicionais. Entre estes conceitos, analisaremos o desejo, desvinculado de relações com a falta e a lei e entendido como construtivista, potencializado e capaz de fazer transformações com sua energia positiva e indefinida de fazer agenciamentos; o inconsciente visto como produtivo mais do que representativo e funcionando como usina de produção que não se submete a enunciados estáticos e dados a priori; o conceito de corpo sem órgãos, que concebe o corpo como plano de intensidade e não plano organizado e estratificado; a fragmentação, que é vista de forma positiva para esse autor, funcionando como uma maneira de se resistir a uma subjetividade dominante, uma renúncia à obediência; as linhas de fuga, que fazem fugir a situações dicotômicas, que fazem a ordem fugir criando outros possíveis, rupturas, regimes nômades e subjetivos diferentes de um regime despótico que reduz o ser à possibilidade de ser apenas isso ou aquilo.

No capítulo final da dissertação, são trabalhados os textos do *Mil Platôs* (Deleuze & Guattari, 1980/1995) que mantêm alguma relação com a psicanálise e

trazem importantes conceitos para pensar essa relação; como o de rizoma, com sua forma de sistema aberto, capaz de construir múltiplas conexões e sua capacidade de começar pelo meio; o devir, que não tem momentos de imobilidade e por isso mesmo dissipa identidades e se torna a nova categoria para estudar a ontologia; as multiplicidades, que não têm sua matéria num meio homogêneo; o plano de imanência, sua univocidade e movimentação infinita. Nas considerações finais, abre-se caminho para pensar o tipo de psicanálise que pode ser desenvolvido a partir da crítica, a nosso ver, bastante contundente, que Deleuze faz à psicanálise mais tradicional.

Trazer Deleuze para um encontro com a psicanálise pode significar usá-lo para introduzir um movimento infinito no pensamento psicanalítico, critério seletivo para descobrir o mais criativo, o mais potente, o mais vivo da psicanálise. Por certo, a busca de um viés de pensamento imanente para a psicanálise, amparado na obra de Deleuze, justifica a relevância teórica da pesquisa proposta.

A metodologia de trabalho desta dissertação consistiu na análise cronológica dos textos deleuzianos que abordam a teoria psicanalítica, e na consulta aos textos psicanalíticos citados por Deleuze, além da busca de um apoio em seus comentadores atuais.